

O Impacto das Manifestações Culturais na Agricultura Familiar: Uma Reflexão sobre o Cultivo de Arroz nos Pântanos de Mitande

Graciano Pedro Pessuro[□]

ORCID iD <https://orcid.org/0000-0001-9461-342X>

Issufo Inácio Mocuto^{□□}

ORCID iD <https://orcid.org/0009-0007-1994-9370>

Laurenco Mphapa^{□□□}

ORCID iD <https://orcid.org/0009-0007-1994-9370>

RESUMO

Este artigo analisa o impacto das manifestações culturais na agricultura familiar no distrito de Mandimba, norte de Moçambique, com ênfase no cultivo do arroz nos pântanos de Mitande. A investigação, de carácter qualitativo, envolveu 12 agricultores provenientes dos povoados de Macerema, Mucembuca, Nachingueia e Mdina, atualmente residentes em Mathenge. A amostragem foi do tipo bola de neve, e os dados foram tratados por análise temática de conteúdo. Os resultados indicam que o abandono das terras de origem não se explica apenas por factores técnicos, mas também por dimensões simbólicas e espirituais. Perdas inexplicáveis na produção foram associadas ao chamado “roubo supersticioso”, relacionado à feitiçaria e a conflitos invisíveis. Para os agricultores, a terra é concebida como espaço produtivo e espiritual, cuja harmonia depende da observância de práticas rituais e da coesão comunitária. Mathenge foi descrito como território seguro, onde a produtividade agrícola se restabelece em equilíbrio com a dimensão simbólica. O estudo conclui que políticas públicas de desenvolvimento rural devem integrar os saberes tradicionais, a cosmovisão local e os significados culturais atribuídos à terra, sob pena de fracasso em contextos marcados pela espiritualidade e pela memória coletiva. Assim, a sustentabilidade agrícola está intrinsecamente vinculada à sustentabilidade cultural.

PALAVRAS-CHAVE

Agricultura familiar; manifestações culturais; mobilidade rural; arroz.

* Doutorado em Humanidades, na especialidade de Bioética Pela (PUCPR-Brasil e UCM) Especialista da Educação e Mestre em Gestão e Administração Educacional, Pós-graduado em Gestão e Auditoria Ambiental e Licenciado em ensino de Física. Delegado do curso de Física do Instituto de Educação a Distância. Membro do Comité Nacional de Bioética em Saúde ATRAS DO CIE-CNBS no INS Delegado do Instituto Nacional de Gestão e Redução de Riscos de Desastre, Cuamba: Email : gpessuro@ucm.ac.mz

** Licenciado em ensino da língua portuguesa, Mestrado em Gestão e Administração Educacional e Doutorado em Humanidades, pela Universidade Católica de Moçambique. E-mail: moutoi@gmail.com

*** Mestre em Administração Pública, Licenciado em Gestão e Administração Educacional, Bacharel em Filosofia, docente universitário de Filosofia. E-mail: lourencoussenemphapa@gmail.com

The Impact of Cultural Manifestations on Family farming: a Reflection on Rice Cultivation in the Wetlands of Mitande

ABSTRACT

This article analyzes the impact of cultural manifestations on family farming in the Mandimba district, northern Mozambique, with emphasis on rice cultivation in the wetlands of Mitande. The research, of a qualitative nature, involved 12 farmers from the villages of Macerema, Mucembuca, Nachingueia, and Madina, currently residing in Mathenge. Sampling followed the snowball technique, and data were examined through thematic content analysis. The results indicate that the abandonment of ancestral lands cannot be explained solely by technical factors but also by symbolic and spiritual dimensions. Unexplained production losses were associated with the so-called “superstitious theft,” related to witchcraft and invisible conflicts. For farmers, land is conceived as both a productive and spiritual space, whose harmony depends on the observance of ritual practices and community cohesion. Mathenge was described as a safe territory, where agricultural productivity is restored in balance with the symbolic dimension. The study concludes that rural development policies must integrate traditional knowledge, local worldviews, and the cultural meanings attributed to land; otherwise, they risk failure in contexts marked by spirituality and collective memory. Thus, agricultural sustainability is intrinsically linked to cultural sustainability.

KEYWORDS

Family farming; cultural manifestations; rural mobility; rice.

Okhwela wa Matamanyelo a Nchara ni Omáthekela: Otxalela wa Ovaruwa wa Nroce n’Mithupuni sa Mitande

MUTHUKUMANO WA MAKHURU

Nlhaka ola onthokorerya ophwanya wa mikhalelo sa elapo ni sookhaliherya waya mmuttettheni wa Mandimba, ophwanya wa ephepa ya arroz mmalapa a Mitande. Othokorerya waari wa mukhalelo wa qualitative, ni waakhuma alimi 12 a Macerema, Mucembuca, Nachingueia ni Mdina, anakhala vano o Mathenge. Alimi yaalavuliwa ni njira ya bola de neve, ni mawiili aya yaathokoreriwa ni análise temática de conteúdo. Sookhumelela sinooniherya wiira ohiya malapo aya a khalai khonikhuma paahi mwa mikhalelo sa ulimi, masi-tho mwa miruku sa makholo, makhalelo a elapo ni sooleeliherya sa munepe. Othowa wa soolima ohikhala ni etthu yooneya waari onilavuliwa ni “wiva wa masuperstição”, onilavuliwa ni makhwiri ni mikotelo sihikhala sooneya. Wa alimi, etthaya ti nipuro na ulimi, masi-tho ti nipuro na munepe, nave oreera waya onikhala mwa wiwelela mikhalelo sa makholo ni okhala vamodha wa muttetthe. Mathenge aalavuliwa ntoko nipuro nooreera ni noovikaniha, onokhalamo murettele nave soolima sinaaphwanya-tho oreera waya. Nlhaka ola onimala mwa olavula wiira mapolítica a otthokiha muttetthe ni ulimi anaphwanela otthokiha-tho miruku sa makholo, mikhalelo sa elapo ni maani a munepe anivahiwa etthaya ni anthu. Ohikhalano etthu ela, maprojekto a otthokiha ulimi anaphwanela ohikhumelela. Tivonto, oreera ni okhala wa ulimi onivarihana ni oreera ni okhala wa mikhalelo sa elapo.

MAWI A MUTEKO

Ulimi wa amusi; mikhalelo sa elapo; otthama wa alimi; arroz.

Introdução

A agricultura familiar constitui a base da produção alimentar em Moçambique e desempenha um papel estratégico na segurança alimentar, na geração de rendimentos e na preservação de práticas socioculturais enraizadas nas comunidades camponesas. Estima-se que a maior parte dos alimentos consumidos no país seja proveniente deste setor, que, além da função produtiva, assegura a reprodução social, cultural e espiritual de milhares de famílias rurais. Em contextos como o de Mitande, no distrito de Mandimba, o cultivo do arroz em zonas pantanosas transcende a dimensão económica: é também um elemento estruturante da identidade comunitária e um elo entre gerações, que garante a transmissão de conhecimentos tradicionais e o fortalecimento da coesão social. As manifestações culturais, expressas em rituais de plantio e colheita, celebrações coletivas, cantos tradicionais e práticas simbólicas ligadas ao calendário agrícola, moldam não apenas a relação com a terra, mas também as decisões produtivas e de mobilidade dos agricultores. Tais práticas revelam que a terra é concebida como um território vivo, carregado de significados espirituais e sociais, e não apenas como recurso físico. Contudo, apesar da sua relevância, a dimensão cultural da agricultura familiar tem sido frequentemente marginalizada em políticas públicas e programas de desenvolvimento rural, os quais privilegiam abordagens produtivistas e tecnocráticas (Makombe, 2024; Funes-Monzote, 2021).

Neste contexto, surge a seguinte questão central: de que forma as manifestações culturais influenciam a agricultura familiar no cultivo do arroz em Mitande, particularmente nas decisões de abandono ou permanência em áreas produtivas? Esta problemática adquire maior pertinência em face das pressões contemporâneas relacionadas às mudanças climáticas, às dinâmicas migratórias e à crescente imposição de modelos agrícolas modernos que, por vezes, entram em tensão com os sistemas de saberes locais.

O presente estudo tem como objetivo geral analisar o impacto das manifestações culturais na prática agrícola familiar em Mitande, com foco no cultivo de arroz em áreas pantanosas. Especificamente, busca-se identificar as práticas culturais associadas ao ciclo do arroz, compreender como estas influenciam as estratégias agrícolas e refletir sobre sua importância para a

sustentabilidade das famílias camponesas. A relevância desta investigação reside na necessidade de valorizar os saberes tradicionais como parte constitutiva do desenvolvimento rural sustentável, reconhecendo que a sustentabilidade agrícola, nestes contextos, é inseparável da sustentabilidade cultural.

1. Fundamentação Teórica

1.1. Agricultura familiar e sua centralidade no desenvolvimento rural

A agricultura familiar é considerada um dos pilares para a segurança alimentar, a redução da pobreza e a promoção do desenvolvimento sustentável em países do Sul Global. Segundo Ellis (2000), caracteriza-se pela gestão dos meios de produção pela própria família, cuja mão-de-obra e conhecimento tradicional constituem elementos fundamentais. Em Moçambique, cerca de 70% da população depende da agricultura familiar, que, apesar de marcada por baixa mecanização e recursos limitados, assegura a produção de alimentos básicos como milho, feijão, arroz e mandioca (INE, 2023).

Autores como Altieri (2018) defendem que a agricultura familiar é não apenas um sistema de produção, mas um espaço de reprodução cultural, social e espiritual, em que práticas agrícolas estão interligadas a saberes tradicionais, mitos e rituais. Assim, compreender a agricultura familiar em Mitande exige reconhecer sua inserção em um sistema cultural que transcende o aspecto económico.

1.2. Cultura, simbolismo e Espiritualidade na Agricultura

A relação entre cultura e agricultura tem sido amplamente explorada por antropólogos e sociólogos rurais. Geertz (1973) enfatiza que a agricultura não pode ser entendida apenas como prática técnica, mas como uma teia de significados onde valores espirituais e simbólicos desempenham papel estruturante. Na África subsaariana, práticas rituais de plantio e colheita são entendidas como formas de comunicação com os ancestrais, garantindo equilíbrio e fertilidade (Mbatha, 2021).

Em contextos rurais moçambicanos, as manifestações culturais incluem oferendas, cânticos, ritos de iniciação agrícola e normas de convivência comunitária. Estes elementos refletem uma visão holística em que a terra não é apenas recurso natural, mas espaço sagrado. Essa perspectiva aproxima-se do que Boaventura de Sousa Santos (2002) denomina “ecologia de saberes”, em que o conhecimento científico e o saber tradicional devem dialogar de forma horizontal.

1.3. Mobilidade Agrícola e “Roubo Supersticioso”

A mobilidade agrícola observada em Mitande está fortemente associada ao fenômeno do “roubo supersticioso”, entendido pelos agricultores como prática de feitiçaria que interfere negativamente na produção. Estudos como os de Geschiere (1997) sobre feitiçaria na África Central demonstram que tais crenças não são meramente superstição, mas sistemas interpretativos que moldam decisões econômicas e sociais.

No caso de Mitande, o abandono das terras férteis em direção a Mathenge expressa a busca por espaços culturalmente “seguros”, livres de forças negativas. Assim, a mobilidade não pode ser compreendida apenas como resposta a fatores técnicos ou ambientais, mas como estratégia cultural de sobrevivência e de restabelecimento de equilíbrio espiritual.

1.4. Sustentabilidade cultural e políticas públicas

A literatura recente tem destacado a importância de considerar a dimensão cultural no desenho de políticas públicas rurais. Para Shiva (2016), a erosão cultural é tão grave quanto a degradação ambiental, pois compromete a reprodução social das comunidades. Em Moçambique, iniciativas governamentais de modernização agrícola, embora relevantes, frequentemente negligenciam práticas culturais locais, o que gera resistência comunitária e limita o sucesso de projetos (Varela et al., 2024).

A sustentabilidade, segundo Sachs (2008), deve ser entendida em múltiplas dimensões: económica, social, ambiental, territorial e cultural. Negligenciar a última implica desarticular a relação simbólica entre comunidades e a terra, comprometendo não apenas a produção agrícola, mas também a identidade coletiva e a memória social.

A revisão teórica demonstra que a agricultura familiar em Moçambique deve ser analisada a partir de uma perspectiva multidimensional, em que o económico, o cultural e o espiritual se entrelaçam. Autores como Altieri (2018), Geertz (1973), Boaventura Santos (2002) e Sachs (2008) reforçam a necessidade de integrar saberes tradicionais às políticas de desenvolvimento rural. No caso de Mitande, a compreensão das manifestações culturais – incluindo o simbolismo da terra, os rituais agrícolas e a crença no “roubo supersticioso” – é fundamental para interpretar os processos de mobilidade agrícola e para propor soluções de sustentabilidade que respeitem a cosmovisão local.

1.5. Estudos internacionais sobre cultura e Agricultura familiar

Pesquisas em diferentes países do Sul Global têm mostrado que a agricultura familiar não pode ser compreendida de forma dissociada dos sistemas culturais. No Brasil, Wanderley (2014) evidenciou que os agricultores familiares mantêm práticas tradicionais de cultivo associadas a festas religiosas, ritos de colheita e feiras locais, constituindo um espaço onde economia e cultura se entrelaçam. Do mesmo modo, Altieri e Nicholls (2017) defendem que a agroecologia somente é sustentável quando incorpora saberes comunitários e respeita a lógica cultural das famílias camponesas.

Na África do Sul, Musonda (2024) analisou comunidades agrícolas de Kwazulu-Natal e identificou que a resistência de agricultores a projetos governamentais estava diretamente ligada à tentativa de substituição de práticas rituais ancestrais por pacotes tecnológicos padronizados. O estudo concluiu que a ausência de diálogo entre ciência e tradição resulta em desconfiança, abandono de programas e reprodução da pobreza.

Estudos no Quênia (Mbatha, 2021) apontam que a crença em forças espirituais que regulam a fertilidade da terra influencia fortemente as decisões de plantio e colheita. Para as comunidades analisadas, rituais agrícolas são tão importantes quanto o uso de sementes ou insumos modernos, o que reforça a inseparabilidade entre agricultura e cosmovisão local.

1.6. **Evidências na realidade Angolanas e Moçambicana**

Em Angola, Santos (2022) demonstrou que camponeses da região do Bié atribuem a baixa produtividade agrícola a fenómenos espirituais, muitas vezes relacionados à quebra de normas culturais. O estudo revelou que, mesmo em contextos de expansão de políticas agrícolas estatais, a adesão dos agricultores só é garantida quando os projetos incorporam práticas tradicionais.

Em Moçambique, pesquisas recentes apontam tendências semelhantes. Nhantumbo e Salomão (2020) estudaram agricultores do vale do Limpopo e constataram que a relutância em adoptar novas tecnologias estava associada à percepção de que estas desvalorizavam rituais de proteção da terra. Já Varela et al. (2024) evidenciaram que projetos de desenvolvimento rural no Niassa fracassaram quando ignoraram os saberes locais, mas tiveram melhor adesão quando incorporaram práticas rituais coletivas.

No distrito de Mandimba, estudos exploratórios de Makombe (2024) já destacaram que a mobilidade agrícola entre povoados não pode ser explicada apenas por fatores técnicos ou climáticos, mas sim pela busca de territórios espiritualmente equilibrados. Tais achados convergem com os relatos dos agricultores de Mitande, que associam perdas agrícolas ao chamado “roubo supersticioso”, interpretado como prática de feitiçaria ou desequilíbrio comunitário.

1.7. **Convergências e lacunas identificadas**

Os estudos internacionais e nacionais convergem na constatação de que a dimensão cultural da agricultura familiar é determinante para a sustentabilidade agrícola. No entanto, nota-se uma lacuna significativa: a maior parte das políticas e programas governamentais ainda privilegia abordagens tecnocráticas, que desconsideram a importância dos rituais, crenças e significados simbólicos da terra.

No caso moçambicano, apesar de evidências empíricas crescentes sobre a relevância cultural, ainda há escassez de estudos aprofundados que articulem espiritualidade, mobilidade agrícola e sustentabilidade. Este artigo, ao analisar o cultivo do arroz em Mitande, contribui para preencher parte dessa lacuna, oferecendo evidências de que o abandono de terras férteis não decorre

apenas de variáveis técnicas ou ambientais, mas também da necessidade de manter a harmonia cultural e espiritual.

A literatura empírica demonstra que a agricultura familiar é indissociável da cultura. Experiências do Brasil, África do Sul, Angola, Quênia e Moçambique evidenciam que práticas rituais e crenças espirituais influenciam fortemente a adesão a políticas públicas e a tomada de decisões agrícolas. No caso de Mitande, as evidências apontam que a mobilidade agrícola está diretamente ligada à cosmovisão comunitária, reforçando a tese de que a sustentabilidade agrícola só será possível quando também se assegurar a sustentabilidade cultural.

1.8. Génese histórica e cultural de Mitande

Mitande, situado no distrito de Mandimba, província do Niassa, constitui uma região marcada por forte identidade agrícola e cultural. Os pântanos da localidade têm sido historicamente reconhecidos como espaços férteis para o cultivo do arroz, base alimentar e de renda para centenas de famílias camponesas. Contudo, a agricultura em Mitande não se resume à lógica produtiva: ela é mediada por práticas rituais, pela memória coletiva e pela cosmovisão espiritual das comunidades locais.

De acordo com estudos de Nhantumbo e Salomão (2020), em regiões como o Niassa, a terra é entendida como espaço vivo, habitado por ancestrais e guardiões espirituais. Essa visão reforça a centralidade da cultura na organização do trabalho agrícola e explica porque determinados territórios são abandonados, mesmo quando apresentam elevada fertilidade.

1.9. Manifestações culturais e crenças associadas à terra

No caso específico de Mitande, agricultores familiares relataram fenómenos ligados ao chamado “roubo supersticioso” (waweliwa), prática interpretada como feitiçaria que retira a produtividade da terra. Esse fenómeno gera insegurança espiritual e leva comunidades inteira a migrar para territórios percebidos como “seguros”, como Mathenge.

Esse processo foi igualmente registrado por Makombe (2024), que identificou que as perdas agrícolas em Mitande não eram compreendidas como falhas técnicas, mas como resultado de desequilíbrio espiritual e de conflitos

invisíveis no seio comunitário. Assim, a mobilidade agrícola adquire carácter cultural e religioso, funcionando como estratégia de sobrevivência e de restauração do equilíbrio simbólico.

1.10. Dinâmica social e mobilidade rural em Mandimba

A mobilidade agrícola em Mitande insere-se numa dinâmica mais ampla de Mandimba, onde as famílias camponesas se deslocam não apenas por fatores climáticos ou de acesso à terra, mas por questões espirituais e culturais. Varela et al. (2024) demonstraram que projetos agrícolas implementados no Niassa falharam quando ignoraram essa dimensão simbólica, pois a eficácia de qualquer intervenção depende da legitimidade cultural.

Em Mitande, o deslocamento para Mathenge representa não apenas uma busca por terras mais produtivas, mas um movimento de recomposição social. Ao migrarem, os agricultores não abandonam suas tradições, mas recriam no novo território práticas rituais que garantem coesão comunitária e restabelecem a confiança na produção agrícola.

1.11. Implicações para políticas e sustentabilidade

A realidade de Mitande mostra que qualquer política de desenvolvimento rural que desconsidere as crenças locais e os significados culturais atribuídos à terra tende ao fracasso. É indispensável reconhecer que, para os camponeses, a sustentabilidade agrícola é indissociável da sustentabilidade cultural.

Como destaca Sachs (2008), a sustentabilidade deve ser multidimensional, integrando o económico, o social, o ambiental e o cultural. Em Mitande, este último elemento não é periférico, mas central, pois regula decisões de plantio, mobilidade e até abandono de áreas férteis. Reconhecer essa realidade é passo fundamental para desenhar políticas públicas eficazes no Niassa. A literatura focalizada sobre Mitande e o distrito de Mandimba confirma que a agricultura familiar é moldada por uma cosmovisão espiritual e simbólica que transcende o carácter técnico da produção. O abandono de terras férteis e a mobilidade para Mathenge só podem ser explicados à luz das manifestações culturais e do “roubo supersticioso”. Assim, a sustentabilidade

agrícola em Mitande exige um olhar holístico, em que políticas públicas dialoguem com práticas rituais e com a espiritualidade local.

2. Desenho Metodológico

Este estudo foi conduzido segundo uma abordagem qualitativa, de carácter exploratório e descritivo, apropriada para compreender práticas culturais, espirituais e sociais que orientam a agricultura familiar. A investigação foi realizada no distrito de Mandimba, com foco nos agricultores provenientes de Mitande e reassentados em Mathenge, entre abril e maio de 2025.

2.1. Contexto do campo

O trabalho de campo decorreu em zonas pantanosas de Mathenge, onde se fixaram agricultores oriundos de Mitande após abandonarem suas terras por razões ligadas ao “roubo supersticioso”. O investigador deslocou-se até às áreas de cultivo, acompanhando os agricultores em atividades diárias como a preparação das machambas, o plantio do arroz e momentos de convívio comunitário. Essa imersão permitiu captar não apenas os relatos verbais, mas também os gestos, símbolos e práticas rituais que estruturam a relação dos camponeses com a terra.

2.2. Participantes e selecção

Participaram 12 agricultores familiares (7 homens e 5 mulheres), escolhidos pela técnica de bola de neve. O primeiro contato deu-se com líderes comunitários que, após breve explicação dos objetivos da pesquisa, indicaram outros membros diretamente envolvidos no processo de mobilidade agrícola. A diversidade de povoados de origem (Macerema, Mucembuca, Nachingueia e Madina) garantiu representatividade das diferentes narrativas sobre o abandono de Mitande.

2.3. Recolha de dados

A recolha de dados deu-se através de entrevistas semiestruturadas realizadas em língua local (yao), com apoio de tradutores comunitários, uma vez que alguns participantes não se expressavam em português. As entrevistas

ocorreram nas casas e nos campos de cultivo, em momentos previamente combinados, criando um ambiente de confiança. Foram feitas perguntas abertas sobre:

- Motivos do abandono das terras de Mitande;
- Significados atribuídos ao arroz e à terra;
- Experiências de perdas agrícolas e percepção do “roubo supersticioso”;
- Práticas rituais realizadas antes do plantio e da colheita.

Além das entrevistas, foi realizada observação participante, acompanhando rituais de preparação das terras, cânticos de grupo e momentos de partilha de alimentos. Notas de campo foram registradas em diário de bordo, complementando as transcrições das entrevistas.

2.4. Análise de dados

As entrevistas foram gravadas em áudio (com consentimento), transcritas e traduzidas para português. O corpus resultante foi analisado por meio da análise de conteúdo temática (Bardin, 2016). O processo envolveu:

- Leitura inicial para reconhecimento dos relatos;
- Codificação das falas em categorias emergentes;
- Interpretação em diálogo com a literatura teórica e empírica.

Quatro categorias centrais foram identificadas:

- memória coletiva e abandono da terra;
- Espiritualidade e rituais agrícolas;
- Mobilidade como estratégia cultural;
- Mathenge como território seguro e produtivo.

3. Discussão dos Resultados

3.1. Memória coletiva e abandono da terra

Os relatos dos agricultores indicam que o abandono das terras de Mitande foi motivado, sobretudo, pela percepção de que o espaço havia perdido a sua “pureza espiritual” em função do “roubo supersticioso” (waweliwa). Essa crença, associada à feitiçaria, reflete uma dimensão coletiva da memória, em que o passado da terra é reconstruído como espaço de conflito invisível.

Essa interpretação converge com a análise de Geertz (1973), que entende a agricultura como uma teia de significados e não apenas como prática técnica. Do mesmo modo, Geschiere (1997) mostrou que crenças em feitiçaria moldam não apenas relações sociais, mas também decisões econômicas e de mobilidade. Assim, o abandono de Mitande não pode ser explicado por fatores agronômicos isolados, mas pela construção social do território como espaço espiritual ameaçado.

3.2. Espiritualidade e rituais Agrícolas

Os participantes relataram que a fertilidade da terra depende da realização de rituais específicos, como cânticos coletivos, oferendas simbólicas e orações de proteção antes do plantio. A ausência desses rituais é vista como quebra da harmonia comunitária, acarretando perdas inexplicáveis na produção.

Esses achados dialogam com Mbatha (2021), que documentou em comunidades quenianas a indispensabilidade dos rituais agrícolas como garantidores da fertilidade da terra. Do mesmo modo, Altieri (2018) defende que os sistemas de produção camponesa integram práticas espirituais que asseguram a coesão comunitária e a sustentabilidade cultural. Em Mitande, portanto, a espiritualidade não é um elemento periférico, mas central na organização do trabalho agrícola.

3.3. Mobilidade como estratégia cultural

A decisão de migrar para Mathenge foi descrita como uma forma de protecção espiritual e reconstrução da harmonia social. Ao buscarem novos territórios, os agricultores procuraram não apenas maior produtividade, mas um espaço livre de forças negativas e de conflitos invisíveis.

Essa mobilidade reflete o que Musonda (2024) identificou em Kwazulu-Natal, onde agricultores abandonaram projetos governamentais quando estes desconsideraram as crenças ancestrais. Também em Angola, Santos (2022) verificou que a mobilidade agrícola era determinada pela percepção cultural de segurança da terra. Em Mitande, o deslocamento para Mathenge configura

uma estratégia de resistência cultural, que assegura a continuidade da produção e da identidade comunitária.

3.4. Mathenge como território seguro e produtivo

Em todos os relatos, Mathenge foi descrito como espaço “seguro”, onde as colheitas voltaram a ser estáveis e a convivência comunitária mais harmoniosa. Os agricultores associam esse resultado não apenas às condições naturais da terra, mas ao fato de Mathenge não estar marcado por memórias de feitiçaria ou por conflitos espirituais.

Essa percepção reforça a ideia de que o território não é apenas um espaço físico, mas simbólico, carregado de significados culturais (Boaventura de Sousa Santos, 2002). Para Sachs (2008), a sustentabilidade só é possível quando integra dimensões culturais, sociais e ambientais. No caso de Mitande, a experiência em Mathenge mostra que a sustentabilidade agrícola é indissociável da sustentabilidade cultural, confirmando a hipótese inicial do estudo.

A análise dos resultados evidencia que a agricultura familiar em Mitande é estruturada por dimensões culturais e espirituais que definem práticas produtivas, mobilidade e percepção de sustentabilidade. O abandono de terras férteis, interpretado à primeira vista como irracional, revela-se, na verdade, uma estratégia cultural de sobrevivência e de recomposição simbólica. Esses achados confirmam que qualquer política pública voltada ao desenvolvimento rural no Niassa deve reconhecer a centralidade da cultura e da espiritualidade no cotidiano agrícola, sob pena de fracassar.

Considerações finais

O estudo realizado em Mitande e Mathenge permitiu compreender que a agricultura familiar, longe de ser apenas uma atividade económica, constitui-se como prática profundamente enraizada em dimensões culturais, espirituais e simbólicas. Os resultados demonstraram que o abandono das terras em Mitande não decorreu unicamente de fatores agronómicos, mas foi motivado pela percepção coletiva de insegurança espiritual associada ao “roubo supersticioso”. Essa percepção evidenciou que, no imaginário comunitário, a

produtividade da terra está intrinsecamente vinculada à harmonia espiritual e à realização de rituais que asseguram proteção e fertilidade.

A mobilidade para Mathenge emergiu como estratégia cultural de resistência, revelando que os agricultores buscam não apenas novos espaços de produção, mas também territórios onde possam reconstruir a coesão comunitária e restabelecer a confiança no futuro agrícola. Mathenge, portanto, consolidou-se como território de segurança cultural e sustentabilidade produtiva, simbolizando a continuidade da identidade camponesa

Do ponto de vista teórico, este estudo contribui para a literatura sobre agricultura familiar ao demonstrar que a sustentabilidade agrária não pode ser desvinculada da sustentabilidade cultural, sob pena de invisibilizar dimensões essenciais que orientam as práticas camponesas. Do ponto de vista prático, os resultados sugerem que as políticas públicas de desenvolvimento rural em Moçambique necessitam integrar o reconhecimento das crenças, rituais e memórias coletivas como elementos estruturantes do quotidiano agrícola.

Por fim, ainda que limitado pelo número reduzido de participantes, o estudo abre caminhos para investigações futuras que explorem, em maior escala, a relação entre espiritualidade, mobilidade e produção agrícola em outras regiões do Niassa e de Moçambique. Reforça-se, assim, que a terra, para além de recurso natural, é território de memória, espiritualidade e identidade, e qualquer intervenção externa deve considerar tais dimensões para promover uma sustentabilidade genuína.

Referências

- Altieri, M. (2018). *Agroecology: The Science of Sustainable Agriculture*. CRC Press.
- Bardin, L. (2016). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Biernacki, P., & Waldorf, D. (1981). Snowball Sampling: Problems and Techniques of Chain Referral Sampling. *Sociological Methods & Research*, 10(2), 141-163.
- Geertz, C. (1973). *The Interpretation of Cultures*. New York: Basic Books.
- Geschiere, P. (1997). *The Modernity of Witchcraft: Politics and the Occult in Postcolonial Africa*. University of Virginia Press.

- Mbatha, P. (2021). Rituals and Fertility in African Farming Systems. *Journal of African Cultural Studies*, 33(4), 567–583.
- Minayo, M. C. S. (2012). *O Desafio do Conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde*. São Paulo: Hucitec.
- Musonda, J. (2024). Culture, Land and Mobility in Rural Kwazulu-Natal. *African Journal of Rural Studies*, 12(1), 44–62.
- Negrão, J. (2003). *Terra e Poder: O Significado Social da Agricultura Familiar em Moçambique*. Maputo: Promédia.
- Sachs, I. (2008). *Caminhos para o Desenvolvimento Sustentável*. Rio de Janeiro: Garamond.
- Santos, A. (2022). Mobilidade Agrícola e Crenças Culturais em Angola. *Revista de Estudos Africanos*, 15(2), 88–105
- Santos, B. de S. (2002). *A Crítica da Razão Indolente: Contra o Desperdício da Experiência*. São Paulo: Cortez.

Recebido em: 14/02/2026

Aceito em: 04/08/2026



Para citar este texto (ABNT): PESSURO, Graciano Pedro; MOCUTO, Issufo Inácio; MPHAPA, Lourenco. O Impacto das Manifestações Culturais na Agricultura Familiar: Uma Reflexão sobre o Cultivo de Arroz nos Pântanos de Mitande. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), vol.6, nº 1, p.54-68, jan./jun. 2026.

Para citar este texto (APA): Pessuro, Graciano Pedro; Mocuto, Issufo Inácio; Mphapa, Lourenco. (jan./jun.2026). O Impacto das Manifestações Culturais na Agricultura Familiar: Uma Reflexão sobre o Cultivo de Arroz nos Pântanos de Mitande. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), 6 (1): 54-68.